

# 18.

## *As colheres em cerâmica do povoado de S. Pedro (Redondo, Alentejo Central).*

CATARINA COSTEIRA.

FCT/UNIARQ.

### Resumo

No povoado de S. Pedro (Redondo, Alentejo Central) registou-se um conjunto significativo e diversificado de colheres em cerâmica. As colheres são um elemento relativamente constante nos espólios dos povoados do Sul peninsular do 4º. / 3º. milénio a.n.e., todavia a sua aparente reduzida expressão quantitativa torna-as pouco significativas nos estudos artefactuais. Neste artigo pretendemos apresentar uma caracterização tipológica e tecnológica destes materiais, e a sua contextualização nos espaços e fases deste sítio arqueológico, bem como reflectir sobre as suas funcionalidades.

Palavras- chave: Colheres em cerâmica, Sul peninsular, 4º. / 3º. Milénio a.n.e.

### Abstract

In the archaeological site of S. Pedro (Redondo, Central Alentejo, Portugal) there was a significant and diverse set of ceramic spoons. The spoons are relatively constant feature in the archaeological record of the 4th / 3th millennium BCE settlements of the Southern Iberian Peninsula. However its limited quantitative expression makes them somewhat significant in material culture studies. This article aims to present a typological and technological characterization of the spoons, and their contextualization in the spaces and phases of the S. Pedro's site. We hope to demonstrate the informative potential and relevance of spoons for the study of cultural transformations that characterized the Chalcolithic of the Southern Iberian Peninsula.

Key-words: Ceramic spoons, Southern Iberian Peninsula, 4th / 3th Millennium BCE; Chalcolithic.



## INTRODUÇÃO

Neste artigo apresentamos os primeiros resultados do estudo das colheres em cerâmica provenientes do povoado centro alentejano de S. Pedro. Este trabalho insere-se num projecto de investigação mais amplo sobre este sítio arqueológico, que constituirá a tese de doutoramento da autora.

Começamos pela apresentação do sítio de proveniência dos materiais, em seguida centramo-nos no estudo das colheres em cerâmica, realizando a sua análise morfológica, tecnológica, contextual e problematizando as suas funcionalidades. Esperamos contribuir para demonstrar o potencial informativo e a relevância das colheres para o estudo das transformações culturais que caracterizaram as comunidades do Sul peninsular no Calcolítico.

## O POVOADO DE S. PEDRO: LOCALIZAÇÃO E DIVERSIDADE DE OCUPAÇÕES

O sítio de S. Pedro, localizado no Alentejo Central, distrito de Évora, freguesia e concelho de Redondo, implantava-se no cimo de um cabeço alongado de vertentes íngremes e topo aplanado, a 322 m de altitude, pontuado por afloramentos rochosos de xisto. Este cerro integra um conjunto de elevações que bordejam a margem Nascente da planície central de Redondo, a Sul da Serra d'Ossa. A posição destacada sobre a planície tornou-o um marco na paisagem, com um amplo domínio visual para Sul e para Ocidente, mas relativamente limitado nos quadrantes Norte e Nascente pela Serra d'Ossa e restantes elevações de Redondo, respectivamente.

Este sítio arqueológico, referido pela primeira vez na bibliografia por Manuel Calado (Calado 1993), que o classificou como um povoado potencialmente fortificado (Calado 1995; 2001), foi alvo de uma extensa intervenção arqueológica de salvaguarda, motivada pela construção de uma estrutura viária – Circular externa de Redondo, da autoria da Câmara Municipal, cujo traçado contemplava o atravessamento do cabeço, afectando irremediavelmente o sítio. Este projecto, dirigido pelo arqueólogo do município Rui Mataloto, desenvolveu-se em três fases, que decorreram, grosso modo, entre Março de 2004 e Novembro de 2009, resultando na escavação integral de uma área de cerca de 2000 m<sup>2</sup>. O contexto



Figura 1. Vista geral do sítio de S. Pedro e sua localização na Península Ibérica (Fotografia de R. Mataloto)

da intervenção e a dimensão da área escavada conduziram à utilização de uma metodologia de área aberta, seguindo os princípios definidos por Barker (1977) e Harris (1989). A área de escavação foi dividida em seis sectores, de A a F, para uma abordagem mais organizada do terreno, não tendo significado funcional nem leituras estratigráficas específicas (Mataloto 2010: 267).

Os dados actualmente disponíveis, e já publicados em diversos trabalhos (Mataloto et al. 2007; 2009; no prelo; Mataloto 2010) permitem avançar com a proposta de cinco grandes fases de ocupação, cuja definição decorre essencialmente da presença ou ausência de grandes estruturas de fortificação.

A primeira fase é a mais difícil de definir, devido à sua fraca visibilidade arquitectónica e ao forte dinamismo das etapas posteriores. Todavia, a identificação de um conjunto artefactual marcado por formas esféricas e globulares lisas, por vezes com mamilos junto ao bordo, taças carenadas, e a reduzida presença de pratos, (Mataloto 2010: 280), associado a depósitos, a unidades negativas de tipo silo/fossa e a depressões escavadas na rocha sob a primeira muralha, permitem avançar com a hipótese de a primeira ocupação do sítio se enquadrar na transição do 4º para o 3º milénio a.n.e., não tendo nenhuma estrutura delimitadora.

O povoado da fase II caracterizou-se por uma transformação da organização e imagem do espaço ocupado, com a construção de um amplo e robusto sistema de fortificação, não sendo ainda possível demonstrar se resultou de uma fundação de raiz ou da continuação da ocupação anterior. A permanência dos principais componentes artefactuais nas duas fases e a ausência de espessas camadas de abandono que evidenciem hiatos de tempo tornam muito difícil a identificação da sua sequencialidade.

Na área intervencionada, a estrutura de fortificação era composta por cinco segmentos rectilíneos, construídos com lajes de xisto de calibre diverso associadas a blocos de quartzo e granito, apresentando uma planta poligonal irregular, e delimitando um espaço com cerca de 800 m<sup>2</sup>. A muralha era composta por diversas torres semicirculares maciças e ocas, adossadas pelo exterior, concentradas principalmente no lado Sul. Na face Norte identificaram-se duas torres maciças e no canto Nordeste uma torre oca de grandes dimensões. Igualmente no lado Norte registou-se a presença de um muro com cerca de 14 metros de comprimento e 1,2



Figura 2. Vista geral do povoado de S. Pedro com indicação dos sectores de escavação (Fotografia de R. Mataloto)



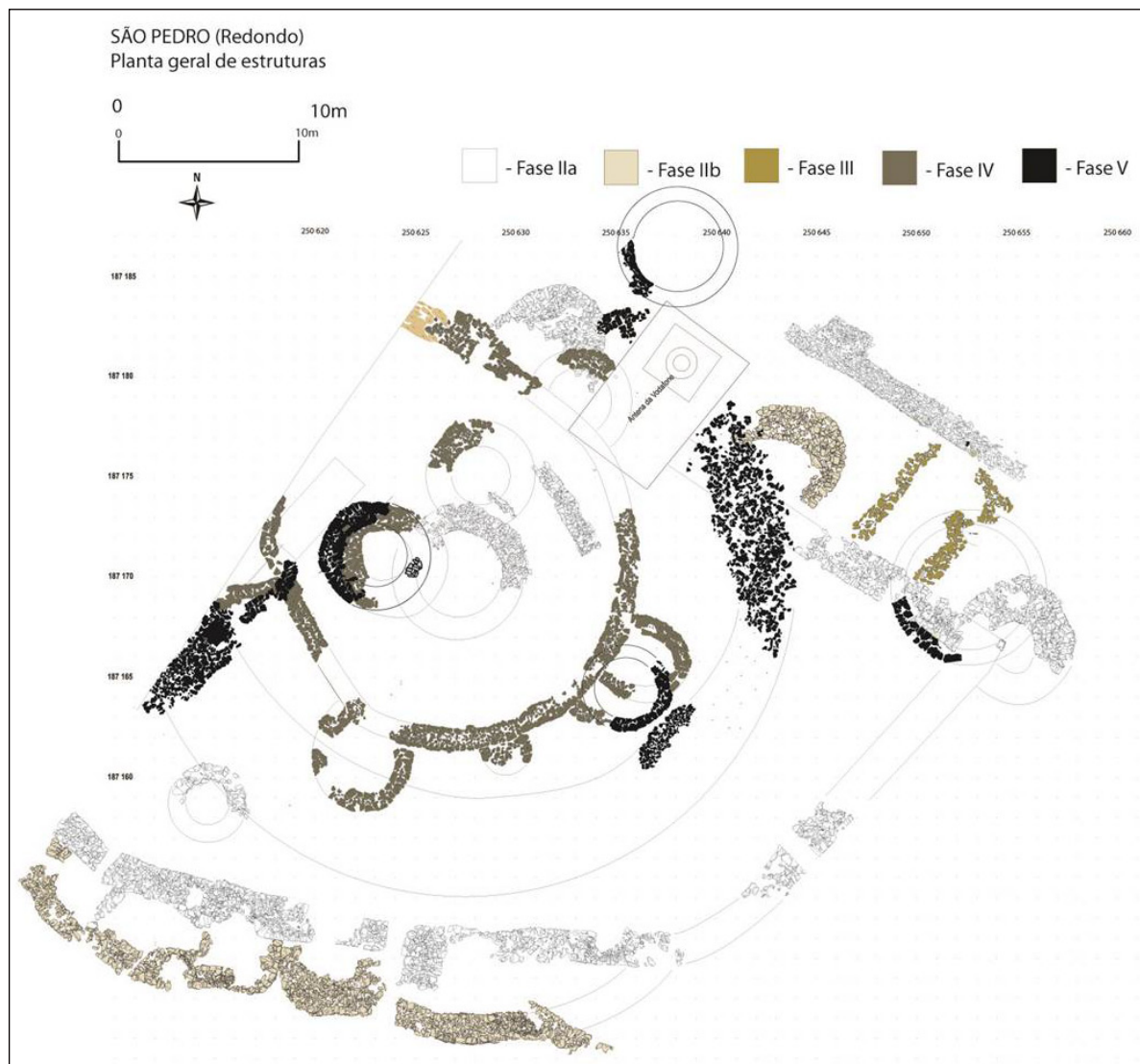


Figura 3. Planta geral do povoado com indicação das 5 fases de ocupação (Adaptado de R. Mataloto)

metros de largura, que se desenvolvia paralelamente à muralha. A possível contemporaneidade das duas estruturas coloca a hipótese deste muro poder ser interpretado como uma "... fortificação secundária, a modo de barbacã..." (Costeira e Mataloto 2013).

Posteriormente, a face Sul da muralha sofreu uma remodelação de parte do seu circuito, com a substituição de alguns dos seus troços e das suas torres por construções de menor entidade. Estas transformações não alteraram significativamente a morfologia da estrutura nem o espaço delimitado.

Na área central interior identificaram-se duas estruturas de planta circular com alicerces de pedras de xisto de calibre diverso, que deveriam desenvolver-se em altura. Estas características, associadas à presença de vestígios habitacionais no seu interior, colocam a hipótese da sua utilização como torres com a função de cabanas (Mataloto *et al.* 2007:123).

Esta ampla estrutura fortificada terá sido desactivada e desmantelada no final do primeiro quartel do 3º milénio a.n.e., sendo mais uma vez difícil de aferir se ocorreu um abandono efectivo do sítio ou se a sua ocupação continuou com a mutação arquitectónica e a reformulação espacial.

O povoado da fase III organizou-se sobre as ruínas e as fundações do anterior, que pontualmente reaproveitou, caracterizando-se por ser uma ocupação aberta, com estruturas

edificadas em materiais perecíveis, o que lhe conferiu uma fraca expressão arquitectónica.

No segundo quartel do 3º milénio a.n.e. o espaço de S. Pedro reformulou-se completamente com a construção de uma nova estrutura de fortificação (fase IV), de planta ovalada, ligeiramente achatada, com uma entrada orientada a Nascente e um conjunto de torres ocas adossadas pelo exterior, delimitando um espaço de cerca de 300 m<sup>2</sup>. No interior identificaram-se duas grandes torres de morfologia semicircular; e no exterior da fortificação registou-se uma quantidade assinalável de vestígios de construções domésticas. A proliferação e a diversidade destas estruturas, e a exiguidade do espaço delimitado, parecem indicar que a maioria das áreas de actividade e de residência se localizavam fora das muralhas. Assim, o povoado seria uma realidade mais ampla do que o espaço fortificado (Mataloto *et al.* 2007:125).

O conjunto artefactual da fase IV distingue-se do das fases anteriores pela predominância das formas abertas, nomeadamente dos pratos de bordo simples e almendrado, e pelo desaparecimento das taças carenadas.

Sem qualquer indício de abandono violento ou repentino, esta fortificação terá sido desactivada em meados do 3º milénio a.n.e., surgindo posteriormente sobre as suas ruínas e derrubes uma nova ocupação (fase V), sem estrutura delimitadora, constituída por cabanas de planta circular com embasamento pétreo e por algumas estruturas negativas de apoio habitacional, a que se associa a presença de cerâmica campaniforme incisa. No final desta fase construiu-se uma estrutura pétrea, de morfologia circular, que parecia sobrepor o traçado da antiga muralha. Esta estrutura poderá ter um significado simbólico (Mataloto 2010).

Na análise sequencial dos cinco povoados verificou-se a alternância entre complexos de fortificação e ocupações sem estruturas delimitadoras. Esta diversidade de cenários, mais do que contribuir para a famosa discussão da dicotomia aberto/fechado, fortificado/não fortificado, exige uma reflexão da problemática da continuidade e da ruptura, ou seja, se os vários povoados podem ser lidos como uma sucessão de construções realizadas por uma mesma comunidade que se transforma e se adapta a novas situações ou se a pluralidade arquitectónica revela a

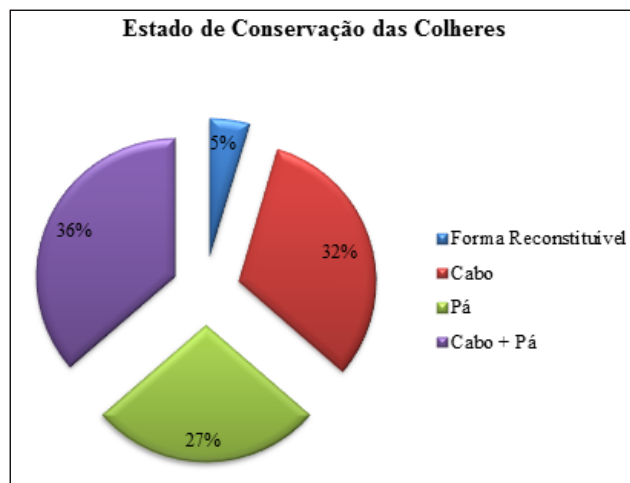


Figura 4. Gráfico que representa o estado de conservação das colheres

presença de grupos diferentes com estratégias díspares de implantação e de vivência.

A extensa escavação que se realizou no povoado de S. Pedro permitiu recolher um vasto e diversificado conjunto material, composto maioritariamente por artefactos em cerâmica. Neste trabalho seleccionámos o conjunto das colheres em cerâmica como objecto de estudo, devido à sua presença significativa neste sítio arqueológico quando comparada com outros contextos do Sudoeste peninsular, bem como às suas problemáticas interpretativas, abordadas de forma muito sintética na maioria das análises sobre cerâmica calcolítica.

### AS COLHERES EM CERÂMICA DO POVOADO DE S. PEDRO

As colheres são compostas por um elemento côncavo - concha ou pá e um cabo ou pega, apresentando diferentes características morfológicas e métricas. Estes artefactos podiam ser elaborados em diferentes matérias-primas, como osso, madeira e cerâmica.

O conjunto de colheres em estudo é constituído por 66 peças elaboradas em cerâmica, maioritariamente fragmentadas, como se pode observar no gráfico da figura 5.

Este estado de conservação condiciona a análise morfológica do conjunto, uma vez que são muito raras as formas reconstituíveis, bem como dificulta a própria identificação das peças, uma vez que os pequenos fragmentos da pá facilmente se confundem com bordos de recipientes de pequenas dimensões. Esta dificuldade de identificação dos fragmentos de colheres é, em nosso entender, uma das explicações para a sua fraca presença em muitos dos contextos calcolíticos peninsulares.

Para a análise destes materiais construímos uma ficha descritiva organizada em sete partes:

- i) identificação: unidade estratigráfica, número de inventário, sector, estado de conservação;
- ii) morfologia: forma da pá e do cabo;
- iii) caracterização métrica: comprimento máximo, comprimento da pá e do

- cabo, diâmetro, espessura da pá e do cabo;
- v) análise tecnológica: pasta, CNP, cozedura, acabamento de superfície;
- vi) decoração: localização, técnica e motivo;
- vii) vestígios de utilização;
- viii) observações: informações complementares.

Para a análise tipológica destes materiais seguimos algumas das propostas apresentadas por Henriette Camps-Fabrer, num estudo sobre as colheres pré-históricas europeias (Camps-Fabrer 1987), e António Valera no estudo das colheres do povoado dos Perdigões (Valera 1998: 100). Procurámos, como estes autores, relacionar as características morfológicas da pá e do cabo dos vários exemplares, mas optámos por utilizar as diferenças métricas para organizar variantes, e não como critério para definir os diferentes tipos, devido não só ao estado de conservação do conjunto em análise, mas também porque pretendíamos que o modelo apresentado fosse aplicável a outras realidades arqueológicas peninsulares. Assim, definimos cinco tipos de colheres:

- colheres de pá oval e cabo pontiagudo curto;
- colheres de pá oval e cabo arredondado curto;
- colheres de pá oval e cabo arredondado apenas sugerido;
- colheres de pá oval e cabo pontiagudo alongado;
- colheres de pá oval e cabo arredondado alongado.

Os cabos apresentam-se mais diversificados do que as pás, uma vez que em termos globais se encontram mais bem conservados e são mais fáceis de identificar do que as pás, que surgem bastante fragmentadas, o que dificulta a reconstrução da sua morfologia. Como referimos anteriormente, evitámos designações como colherão e concha, por considerarmos que o estado fragmentado do nosso conjunto os tornava pouco viáveis.

Nos doze exemplares em que as pás se encontravam melhor conservadas, estas apresentavam uma morfologia oval. Os cabos, embora mais diversificados, apresentam-se maioritariamente arredondados (37 peças).

Em termos métricos o comprimento da pá, nos raros casos em que foi possível

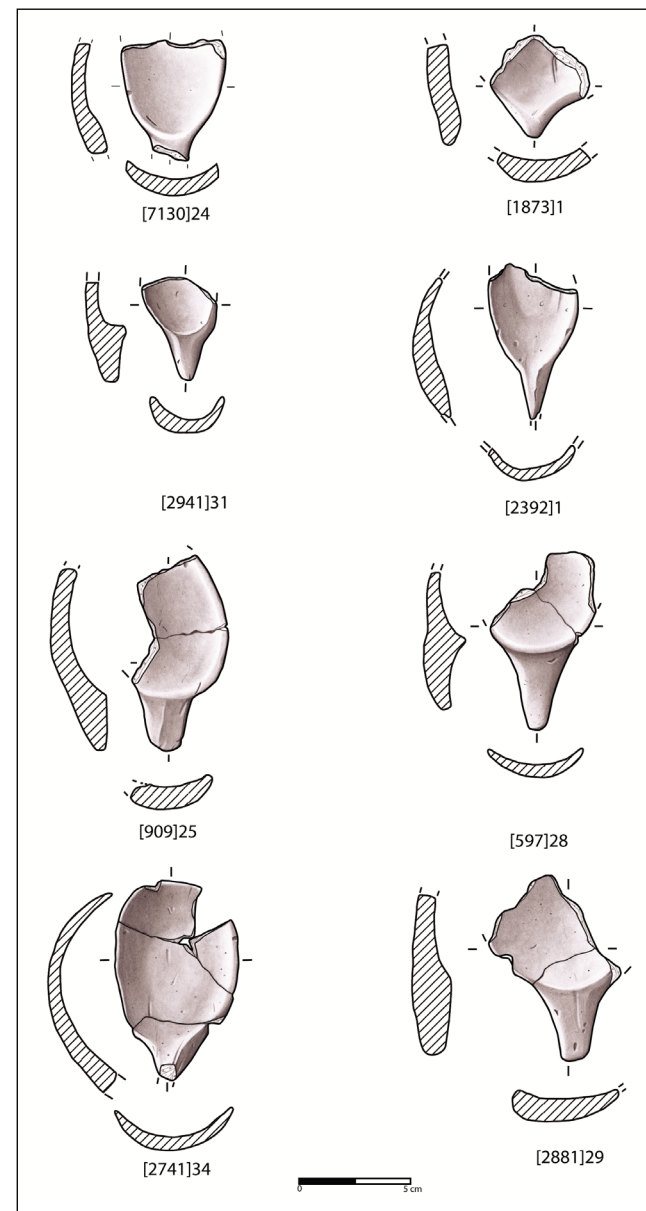


Figura 5. Estampa 1 – Colheres (Desenhos de I. Conde)

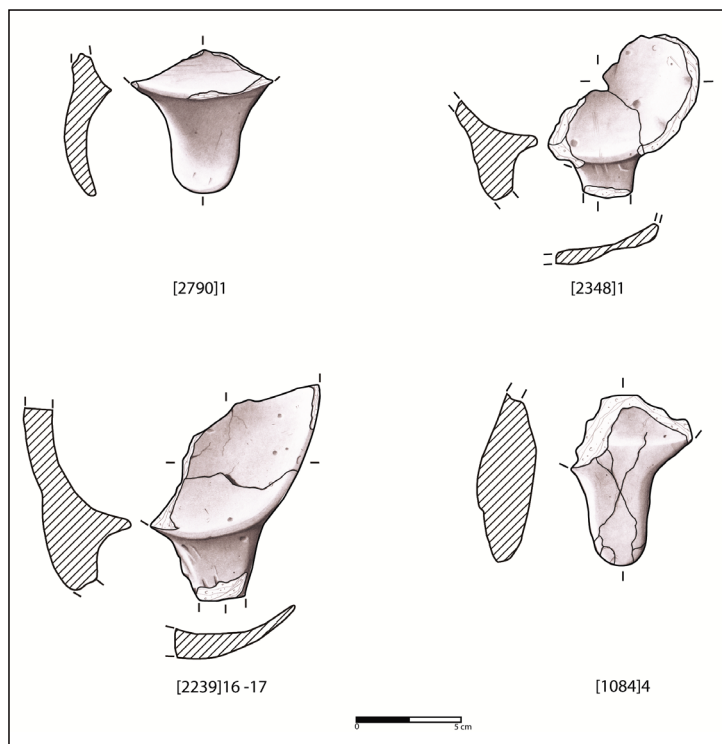


Figura 6. Estampa 2 – Colheres (Desenhos de I. Conde)

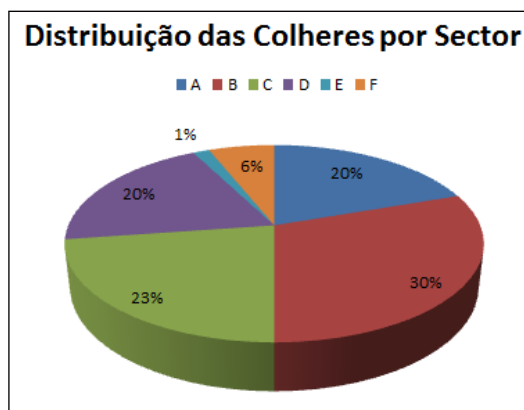


Figura 7. Gráfico que representa a distribuição das colheres por sector

obter, varia entre 4,0 e 7,0 cm. O comprimento do cabo varia entre 1,0 e 7,0 cm. A espessura da pá enquadra-se entre 0,3 – 3,0 cm e a do cabo entre 0,8 – 3,0 cm. Dos cinco tipos de colheres que definimos, o tipo 5 é o mais expressivo, representando 36% do conjunto. Os tipos 2 e 3 representam cerca de 20 % do conjunto e os tipos 1 e 4 são claramente minoritários (cerca de 3%). É importante reforçar que a percentagem de fragmentos em que não é possível uma aproximação morfológica é muito significativa (40 %).

As colheres, certamente produzidas em argilas locais, apresentam pastas homogéneas, maioritariamente compactas, com frequentes componentes não plásticos de calibre diverso, e superfícies internas e externas tendencialmente alisadas. A cozedura destes artefactos é predominantemente processada em ambientes redutores, com arrefecimento oxidante. No conjunto de colheres em estudo não identificámos nenhum exemplar decorado, nem nenhum cabo perfurado. No exemplar [2348] 1 registámos a presença de negativos de sementes na superfície exterior, cuja espécie ainda não foi possível identificar.

### AS COLHERES NOS CONTEXTOS E FASES DO POVOADO DE S. PEDRO

A longa diacronia de ocupação e o forte dinamismo construtivo durante as fases pré-históricas condicionaram profundamente a estratigrafia e a conservação do conjunto material do sítio de S. Pedro. Assim, os contextos primários de rejeição são raros e os estratos de ocupação e derrube apresentam, geralmente, uma extensão e espessura reduzidas. Os diversos materiais, submetidos a intensas remobilizações, apresentam um elevado índice de fragmentação.

A análise das 56 unidades estratigráficas de proveniência das colheres permitiu verificar que a maioria são depósitos heterogéneos, que em termos gerais não apresentam características diferenciadoras. As colheres surgem tendencialmente isoladas em unidades estratigráficas localizadas nos vários sectores de escavação. A observação do gráfico da figura 7 permite constatar que a presença de colheres nos sectores A, C e D é percentualmente muito semelhante, sendo ligeiramente superior no sector B e muito residual nos sectores E e F. O estado de conservação das colheres associado às características e distribuição das suas unidades estra-



tigráficas de proveniência colocam-nos perante contextos exclusivamente de rejeição e abandono.

O faseamento das unidades estratigráficas de proveniência das colheres, ainda em estudo, permite esboçar uma primeira imagem da distribuição e diversidade destes materiais ao longo da diacronia. Em termos quantitativos globais, as colheres surgem melhor representadas nas fases II e IV, as que se relacionam com as duas estruturas de fortificação do sítio. Se compararmos os dados destas duas fases, com a observação do gráfico da figura é evidente o maior número de colheres nas fases mais antigas, associadas ao primeiro quartel do 3º milénio a.n.e. (I/II).

Em termos morfológicos não é possível isolar diferenças significativas nas colheres nas várias fases de ocupação do sítio de S. Pedro. Todavia, parece registar-se uma concentração de colheres de maiores dimensões, com cabos espessos e largos nas fases mais antigas.

### A FUNCIONALIDADE DAS COLHERES – UMA QUESTÃO PROBLEMÁTICA

As colheres pré-históricas (de osso, madeira ou cerâmica) têm sido tradicionalmente interpretadas como artefactos funcionais, principalmente vocacionados para a manipulação (elementos auxiliares na confecção e consumo) de alimentos, relacionados com as transformações alimentares que ocorreram com a neolitização (Camps-Fabrer 1987:11; Pascual Benito, 1999:143) e se aprofundaram com a “Revolução dos Produtos Secundários” (Gonçalves 1989: 413). Para Henriette Camps-Fabrer, o surgimento e desenvolvimento das colheres podia ser interpretado como “(...) une attitude nouvelle de l’individu devant la nourriture (...) un nouvel art de vivre (...)”, tornando-se “(...) elementos indispensables en las costumbres gastronómicas de los campesinos, con un diseño en el caso de las cucharas que ha perdurado hasta la actualidad” na interpretação de Josep Pascual Benito (1999: 143).

De acordo com estas interpretações as colheres teriam uma utilização quotidiana generalizada, situação que não tem sido corroborada com os dados arqueológicos, pelo menos no que se refere às diversas áreas da Península Ibérica, em que as colheres em cerâmica são escassamente identificadas no Neolítico (Diniz 2007: 142), e ainda que se tornem mais frequentes a partir do 4º Milénio a.n.e., a sua

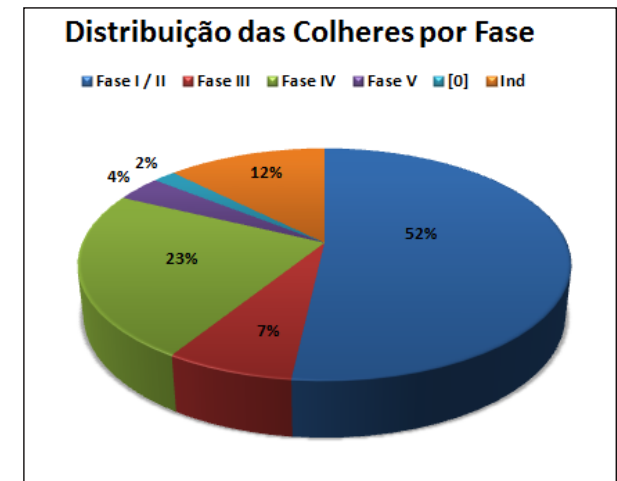


Figura 8. Gráfico que representa a distribuição das colheres por fase



Figura 9. Colher de pá oval (Fotografia de X. Veríssimo)

expressão quantitativa é tendencialmente muito reduzida nos vários sítios estudados.

Apesar de considerarmos que as colheres poderão estar sub-representadas em muitos dos contextos calcolíticos peninsulares, principalmente nas regiões meridionais, a expressão que apresentam nos conjuntos melhor estudados, como o caso de S. Pedro, Perdigões (Valera 1998:100) ou Alto de Brinches 3 (Alves *et al.* 2010), não parece ajustar-se à de um utensílio utilizado em larga escala para a alimentação individual. Esta questão foi salientada por Manuel Calado (2001: 105), que considera que "(...) esta raridade indica, provavelmente, um uso especializado destes artefactos (...)".

Em termos morfológicos, alguns dos tipos de colheres identificados, nomeadamente os que apresentam cabos curtos ou apenas sugeridos e finos, tornam-se difíceis de relacionar com a confecção e consumo de alimentos. Alguns autores sugerem que estas colheres poderiam estar relacionadas com uma diferenciação etária dos seus utilizadores (crianças) ou com a sua adequação a alimentos específicos, numa associação à diversidade métrica e estilística das colheres contemporâneas (Camps-Fabrer 1987: 41; Pascual Benito 1999:148).

As colheres de maiores dimensões e cabos mais alongados apresentam características susceptíveis de se relacionarem com a manipulação e consumo de alimentos, todavia não seriam suficientemente resistentes para o auxílio na confecção de alimentos ao fogo (Camps-Fabrer, 1987: 41).

A utilização das colheres em cerâmica, à semelhança do que foi documentado para alguns exemplares de colheres em osso (Pascual Benito 1999: 148), pode estar associada à manipulação de substâncias não alimentares, eventualmente relacionadas com actividades artísticas e /ou rituais, as "(...) situações ou produtos muito específicos (...)" a que António Valera se refere na sua tese de doutoramento (2007: 152).

Alguns fragmentos de colheres de cerâmica com cabos perfurados provenientes de contextos campaniformes da Extremadura espanhola são associados à produção metalúrgica (Garrido Pena 1999: 288). Esta perspectiva é pouco discutida, porque a maioria dos exemplares de colheres identificados e estudados não pare-

cem apresentar vestígios relacionáveis com a produção de cobre.

Se numa primeira abordagem, a morfologia destes artefactos se assemelha às colheres contemporâneas e por isso a sua associação à confecção e consumo de alimentos é inevitável. A análise quantitativa e morfológica das colheres em cerâmica exige prudência nesta interpretação e a necessidade de colocar outras hipóteses.

De facto, atribuir funcionalidades a artefactos pré-históricos é sempre um exercício complexo, não imune à subjectividade do investigador, e à comparação com elementos que lhe são próximos e conhecidos. Para uma aproximação mais objectiva à funcionalidade destas colheres seria importante a realização de outras análises, nomeadamente químicas, às suas pastas que permitisse identificar alguns dos vestígios dos elementos manipulados.

### CONCLUSÕES

O conjunto de colheres em cerâmica do povoado de S. Pedro destaca-se pela quantidade de elementos identificados, uma vez que na maioria dos sítios calcolíticos do Sul peninsular a presença destes artefactos é residual, embora a falta de referências numéricas na maioria dos estudos de materiais torne difícil a sua real quantificação.

As colheres em cerâmica surgem preferencialmente em povoados e de forma mais restrita em necrópoles (Leisner e Leisner 1951: 100; Rocha 2005). Esta presença em contextos funerários poderá reforçar a sua associação a funções rituais e simbólicas.

As características morfológicas e tecnológicas das colheres em cerâmica do povoado de S. Pedro são semelhantes às identificadas noutros sítios como o povoado do Monte da Ribeira, Salgada, Fonte Ferrenha (Calado 2001: 105), Perdigões (Valera 1998: 100), Moinho de Valadores, Mercador (Valera 2013: 141; 156), Porto das Carretas (Soares 2013: 313-314), ou Alto de Brinches 3 (Alves *et al. no prelo*), não sendo ainda possível relacionar os diferentes tipos de colheres com contextos específicos ou com diferentes momentos do Calcolítico. Os dados disponíveis sugerem que estes artefactos apresentam uma maior expressão e diversidade no início do 3º Milénio a.n.e., todavia é necessário aprofundar o estudo dos sítios refe-



Figura 10. Colher de cabo pontiagudo (Fotografia de X. Veríssimo)

ridos e analisar novos conjuntos.

Podemos considerar as colheres em cerâmica como uma das novidades artefactuais do Neolítico, que no Ocidente peninsular parece aumentar a sua expressão e diversidade a partir do 4º Milénio a.n.e.

A funcionalidade das colheres em cerâmica é um tema complexo, que não deverá ser resolvido apenas com a sua associação directa à manipulação de alimentos, mas discutindo-se outras perspectivas.

Esperamos ter demonstrado o potencial informativo das colheres em cerâmica calcolíticas, e aguardamos que no futuro se possa aprofundar o estudo destes artefactos, bem como reforçar o rigor na análise dos seus contextos.

### AGRADECIMENTOS

Desejo expressar o meu agradecimento ao Dr. Rui Mataloto pelo incentivo na realização deste trabalho e pelo apoio no enquadramento estratigráfico dos materiais estudados.

### BIBLIOGRAFIA

Alves, C.; Estrela, E.; Porfírio E.; Serra, M. (2010): *Alto de Brinches 3. Relatório final. Minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da construção do reservatório Serpa Norte (Serpa)*. Relatórios Palimpsesto, 2010.

Alves, C.; Estrela, E.; Porfírio E.; Serra, M. (no prelo): "Intervenção arqueológica no sítio de Alto de Brinches 3 (reservatório Serpa – Norte): resultados preliminares". *Actas do 4º. Colóquio de Arqueologia de Alqueva – o plano de rega (2002 – 2010)*. Beja.

Barker, P. (1977): *Techniques of Archaeological Excavation*. Londres. Batsford.

Calado, M. (1993): *Carta Arqueológica do Alandroal*. Alandroal. Câmara Municipal de Alandroal.

Calado, M. (1995): *A região da Serra d'Ossa: Introdução ao estudo do povoamento neolítico e calcolítico*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica (Edição policopiada), 2 vol.



- Calado, M. (2001): *Da Serra d'Ossa ao Guadiana: um estudo de pré-história regional*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. (Trabalhos de Arqueologia, 19).
- Camps-Fabrer, H. (1987): *Cuillers et louches préhistoriques: un nouvel art de vivre*. Travaux du LAPMO. Université de Provence.
- Costeira, C.; Mataloto, R. (2013): Os componentes de tear do povoado de S. Pedro (Redondo, Alentejo Central). In: Jiménez Ávila, J.; Bustamante, M; García Cabezas, M. (ed.): *VI Encuentro de arqueología del Suroeste Peninsular*. Villafranca de los Barros.
- Costeira, C.; Mataloto, R.; Roque, C. (2013): Uma primeira abordagem à cerâmica decorada do 4º / 3º milénio A.N.E. dos povoados de S. Pedro (Redondo). In: Arnaud, J.; Martins, A.; Neves, C. (ed.): *Arqueologia em Portugal – 150 anos*. Lisboa.
- Diniz, M. (2007): O sítio da Valada do Mato (Évora). Aspectos da Neolitização do Interior / Sul de Portugal. Lisboa. Instituto Português de Arqueologia. (*Trabalhos de Arqueologia* 48).
- Fabián, J.F. (2006): *El IV y III milénio AC en el Valle Amblés (Ávila)*. Monografías 5. Arqueología en Castilla y León.
- Garrido Pena, R. (1999): *El campaniforme en la Meseta: análisis de su contexto social, económico y ritual*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Geografia e História da Universidade de Madrid.
- Gonçalves, V.S. (1989): *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental: Uma aproximação integrada*. Lisboa: UNIARQ; INIC., 2 vols.
- Gonçalves, V. S. (2003): *Sítios, «Horizontes» e Artefactos: leituras críticas de realidades perdidas*. Cascais: Câmara Municipal. 2.ª Edição.
- Gonçalves, V. S (2001): O trigo, o cobre, a lã e o leite: um guia bibliográfico e uma curta introdução às sociedades camponesas da primeira metade do 3º milénio no Centro e Sul de Portugal. *Zephyrus*. Salamanca. 53-54, p. 273-292.
- Gonçalves, V. S.; Sousa, A. C., eds., (2010): *Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal no 3.º milénio a.n.e. Actas do Colóquio Internacional*. Cascais: Câmara Municipal.
- Harris, E. (1989): *Principles of Archaeological Stratigraphy*. Londres: Academic Press.

2.<sup>a</sup> Edição.

Lago, M.; Duarte, C.; Valera, A.; Albergaria, J.; Almeida, F.; Carvalho, A.F. (1998): "O povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997". *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, p.45-152.

Leisner, G.; Leisner, V. (1951): *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*. Estudos e Memórias. Uniarq.

Mataloto, R., Estrela, S. e Alves, C. (2007): "As fortificações calcolíticas de São Pedro (Redondo, Alentejo Central, Portugal)". In Cerrillo, E.; Valadés, J., ed. *Los primeros campesinos de La Raya: Aportaciones recientes al conocimiento del neolítico y calcolítico en Extremadura y Alentejo*. *Actas de las Jornadas de Arqueología del Museu de Cáceres*, 1, 2007. Cáceres. Consejería de Cultura y Turismo (Memórias, 6), p.113-141.

Mataloto, R., Estrela, S. e Alves, C. (2009). "Die kupferzeitlichen Befestigungen von São Pedro (Redondo), Alentejo, Portugal". *Madri der Mitteilungen* Wiesbaden. 50, p.3-39

Mataloto, R. (2010): "O 4º/3º milénio a.C. no povoado de São Pedro (Redondo, Alentejo Central): fortificação e povoamento na planície centro alentejana". In Gonçalves, V. S.; Sousa, A. C., eds., 2009. *Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal no 3º milénio a.n.e*. *Actas do Colóquio Internacional*. Cascais: Câmara Municipal, p.263-296.

Mataloto, R., Costeira, C. e Roque, C. (no prelo): *Vivência e memória – a ocupação campaniforme do povoado de S. Pedro (Redondo, Alentejo Central)*.

Mataloto, R. e Muller, R. (no prelo): "Construtores e metalurgistas: faseamento e cronologia pelo radiocarbono da ocupação calcolítica do São Pedro (Redondo, Alentejo Central)" In, *Kupferzeitliche Metallurgie in Zambujal, in Extremadura, Südpotugal und Südwestspanien: Vom Fertigprodukt zur Lagerstätte*. Arbeitstagung Alqueva-Staudamm, 27. bis 30. Oktober 2005. Série Iberia Archaeologica. DAL: Abteilung .

Pascual Benito, J. (1999): La variedad morfotécnica y funcional de las cucharas óseas del neolítico de la Península Ibérica. In: II Congrès del Neolitic a la Península

Ibérica. *Saguntum – Plav.* Extra 2.

Rocha, L. (2005): *Origens do megalitismo funerário no Alentejo central: A contribuição de Manuel Heleno*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tese de Doutoramento (Edição policopiada), 2 vol.

Soares, J. (2013): Transformações sociais durante o III milénio no Sul de Portugal – O povoado do Porto das Carretas. Memórias d’Odiana, 2ª série. *Estudos Arqueológicos do Alqueva*, 5.

Valera, A. (1998): “Análise da componente cerâmica do povoado dos Perdigões”. In Lago, M. [et al.] (1998): “O povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: 1:1, p.80-104.

Valera, A. (2000): “Moinho de Valadares 1 e a transição Neolítico Final/Calcolítico na margem esquerda do Guadiana: uma análise preliminar”. *Era Arqueologia*. Lisboa. 1, p.21-37.

Valera, A. (2000a): “O Monte do Tosco I: uma análise preliminar no contexto do povoamento calcolítico e do início da Idade do Bronze na margem esquerda do Guadiana”. *Era Arqueologia*. Lisboa. 2, p.33-51.

Valera, A. C. (2001): “A ocupação pré-histórica do sítio do Mercador (Mourão) a campanha de 2000”. *Era Arqueologia*. Lisboa. 3, p.42-57.

Valera, A. C. (2006): “A margem esquerda do Guadiana (região de Mourão), dos finais do 4º aos inícios do 2º milénio AC”. *Era Arqueologia*. Lisboa. 7, p.136-211.

Valera, A. C. (2007): *Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3º milénio AC (Fornos de Algodres, Guarda)*. Município de Fornos de Algodres.

Valera, A. C. (2013): *As comunidades agropastoris na margem esquerda do Guadiana – 2ª metade do IV aos inícios do II milénio AC*. Memórias d’Odiana, 2ª série. Estudos Arqueológicos do Alqueva, 6.